

o vale do silêncio

# Nora Roberts

*A Pousada do Fim do Rio*

*O Testamento*

*Traições Legítimas*

*Três Destinos*

*Lua de Sangue*

*Doce Vingança*

*Segredos*

*O Amuleto*

*Santuário*

*Resgatado pelo Amor*

*A Villa*

*Tesouro Secreto*

*Pecados Sagrados*

*Virtude Indecente*

*Bellissima*

*Trilogia do Sonho*

*Um Sonho de Amor*

*Um Sonho de Vida*

*Um Sonho de Esperança*

*Trilogia do Coração*

*Diamantes do Sol*

*Lágrimas da Lua*

*Coração do Mar*

*Trilogia da Magia*

*Dançando no Ar*

*Entre o Céu e a Terra*

*Enfrentando o Fogo*

*Trilogia da Gratidão*

*Arrebatado pelo Mar*

*Movido pela Maré*

*Protegido pelo Porto*

*Trilogia da Fraternidade*

*Laços de Fogo*

*Laços de Gelo*

*Laços de Pecado*

*Trilogia do Círculo*

*A Cruz de Morrigan*

*O Baile dos Deuses*

*O Vale do Silêncio*

NORA  
ROBERTS

O vale do silêncio

Trilogia do Círculo

*Volume 3*

*Tradução*

Ana Beatriz Manier

**B**  
BERTRAND BRASIL

# capítulo um



**E**le sonhou. E, no sonho, ainda era humano. Jovem, tolo talvez, sem dúvida estouvado. Mas, então, o que ele julgara ser uma mulher tinha uma beleza e um encantamento desconhecidos.

Usava um lindo vestido num tom de vermelho vivo, mais elegante do que comportava o bar da aldeia, com mangas compridas e esvoaçantes. Como todo bom tom de vermelho, aquele lhe cobria o corpo atribuindo um brilho luminoso à sua pele alva. Tinha os cabelos dourados e os cachos reluzentes em contraste com o ornamento que usava na cabeça.

O vestido, o porte dela, as joias que cintilavam em seu pescoço, em seus dedos, disseram-lhe ser ela uma dama de posses e fino gosto.

Sob a luz rarefeita do bar, Cian comparou-a a uma chama que ardia nas sombras.

Dois empregados haviam arrumado um lugar privativo para a dama ceiar. Antes mesmo que tivesse chegado a entrar, e simplesmente por estar ali, a bela mulher fez cessarem a conversa e a música. Mas os



olhos dela, azuis como o céu de verão, encontraram-se com os dele. Somente com os dele.

Quando um dos empregados tornou a aparecer, aproximando-se dele e anunciando que a dama pedia que jantasse com ela, ele não hesitou.

Por que hesitaria?

Poderia ter aberto um sorriso ao ouvir os comentários bem-humorados dos homens com quem estava bebendo, mas deixou-os sem pestanejar.

Lá estava ela à luz da lareira e das velas, já servindo vinho em duas taças.

— Estou tão feliz que tenhas concordado em me fazer companhia — disse ela. — Detesto jantar só, tu não? — Aproximou-se dele, seus movimentos tão graciosos que quase parecia flutuar. — Meu nome é Lilith. — E entregou-lhe o vinho.

Havia algo de exótico em sua forma de falar, uma cadência que remetia às areias quentes e às vinhas que floresciam desordenadas. Então ele já estava parcialmente seduzido e inteiramente encantado.

Eles dividiram a refeição simples, embora ele não estivesse com o menor apetite por comida. Foram as palavras dela que Cian devorou. Ela lhe contou das terras para onde já havia viajado, terras sobre as quais ele apenas ouvira falar nos livros. Já havia caminhado por entre as pirâmides, sob a luz da lua — assim lhe contara —, cavalgara nas colinas de Roma e parara diante das ruínas dos templos da Grécia.

Ele jamais saíra da Irlanda, e as palavras dela, as imagens que evocavam, eram quase tão excitantes quanto ela própria.

Achou-a jovem para ter feito tanta coisa, mas, quando lhe dissera isso, ela apenas sorriu por cima da borda da taça.

— De que valem os mundos — perguntou — se tu não o aproveitas? Eu ainda aproveitarei muito mais. Há vinho para ser bebido, comida para ser provada, terras para serem exploradas. És jovem — disse, com um sorriso lento e malicioso — para se contentar com tão pouco. Não tens vontade de ver além do que já viste?

— Pensei em talvez tirar um ano de folga, quando eu puder, para conhecer mais do mundo.



— Um ano? — Com uma risada suave, ela estalou os dedos. — Isso é um ano. Nada, um piscar de olhos. O que farias se tivesses a eternidade? — Os olhos dela pareceram mares azuis impenetráveis quando se inclinou para ele. — O que farias com a eternidade?

Sem esperar por sua resposta, ela se levantou deixando o rastro de seu perfume ao se aproximar da pequena janela.

— Ah, a noite está tão suave! Como o toque da seda contra a pele. — Virou-se para trás com um brilho especial naqueles olhos azuis audaciosos. — Sou uma criatura da noite. E acho que és também. Nós, pessoas como nós, ficamos em nossa melhor forma no escuro.

Cian havia se levantado quando ela se dirigira à janela, e agora, quando ela retornava, seu perfume e o vinho lhe inundaram os sentidos. E algo mais, algo denso e enfumaçado que obscureceu sua mente como uma droga.

Ela levantou a cabeça e a baixou, pousando a boca sobre a dele.

— E por que, quando ficamos em nossa melhor forma durante a noite, passaríamos as horas escuras sozinhos?

E, no sonho, foi como um sonho vago e confuso. Ele estava na carruagem dela, os seios brancos e volumosos em suas mãos, a boca quente e ávida em contato com a sua. Ela riu quando ele se atrapalhou com seu vestido e abriu as pernas num convite sedutor.

— Mãos fortes — murmurou. — E um belo rosto. É tudo o que preciso, o que preciso e terei. Farás o que eu pedir? — Com outra risada suave, mordiscou-lhe a orelha. — Farás? Farás, jovem e belo Cian, de mãos fortes?

— Farei, claro! Farei! — Não conseguia pensar em mais nada, a não ser em enroscar-se nela. Quando o fez, com a carruagem balançando com vigor, a cabeça dela tombou num gesto de abandono.

— Isso, isso, isso! Tão firme, tão quente! Mais, mais! E eu te levarei para além de tudo o que conheces.

Enquanto ele arremetia, a respiração ficando ofegante à medida que ia se aproximando do clímax, Lilith jogou a cabeça para trás novamente.

Seus olhos não eram mais azuis e audazes, mas vermelhos e ferozes. O choque que percorreu o corpo de Cian o fez tentar recuar, mas os braços dela o envolveram de repente, implacáveis como correntes de



ção. As pernas dela engataram em sua cintura, mantendo-o dentro dela, preso. Enquanto ele lutava contra sua força implacável, ela sorria com presas que reluziam no escuro.

— O que és tu? — Não havia orações em sua mente; o medo não deixara espaço para elas. — O que és tu?

Os quadris dela continuaram a subir e descer, cavalcando-o de forma que, abandonado à própria sorte, Cian foi praticamente levado ao orgasmo. Ela passou a mão por seus cabelos, puxando-lhe a cabeça para trás, a fim de deixar seu pescoço exposto.

— Magnífico! — disse ela. — Sou magnífica e tu também serás.

Ela lhe fincou as presas, perfurando-lhe a pele. Cian ouviu os próprios gritos. Em algum lugar em meio à loucura e à dor, ele os ouviu. A queimação foi indizível, incendiando-o através da pele, chegando ao sangue, aos ossos. E misturado a isso, fluindo junto, um prazer terrível, terrível.

Então ele gozou, no escuro giratório e cantante, traído pelo próprio corpo, mesmo enquanto mergulhava na direção da morte. Lutava ainda, alguma parte dele desesperada por luz, por sobrevivência. Mas a dor, o prazer arrastaram-no mais para o fundo do abismo.

— Tu e eu, meu belo rapaz. Tu e eu. — Ela chegou para trás, aninhando-o em seus braços. Com a própria unha, abriu um corte raso ao longo do peito, de forma que o sangue espirrasse dali da mesma forma que jorrava, horripilante, de seus lábios. — Agora, beba. Beba de mim e viverás para sempre.

Não. Os lábios dele não profeririam tal palavra, mas ela gritava em sua mente. Sentindo a própria vida lhe escapando, ele lutou debilmente pelo último fio que o unia à vida. Mesmo quando ela lhe puxou a cabeça na direção de seu peito, ele lutou com o que lhe restava de forças.

Então provou de seu sangue, do sabor rico e inebriante que fluía dela. De sua vida temporária. E, como um bebê no seio da mãe, bebeu a própria morte.

O vampiro acordou em um escuro absoluto, em absoluto silêncio. De tal forma era seu despertar, desde o dia de sua transformação, tanto



tempo atrás, que ele acordava a cada anoitecer sem nem mesmo o pulsar do próprio coração para perturbar o ar.

Embora tivesse sonhado aquele sonho incontáveis vezes, durante incontáveis anos, perturbava-o ainda hoje cair daquele abismo. Ver a si mesmo como havia sido, ver o próprio rosto — rosto que ele não via quando acordado desde aquela noite —, deixava-o nervoso e aborrecido.

Não ficava remoendo o próprio destino. Isso seria uma forma inútil de ocupar o tempo. Aceitava e fazia uso do que era, e, durante sua eterna existência, acumulara riqueza, mulheres, conforto, liberdade. O que mais um homem poderia querer?

Não ter um coração pulsante era um preço pequeno a pagar numa escala maior. Um coração que pulsasse envelhecia, enfraquecia e acabava parando como um relógio quebrado.

Quantos corpos não vira deteriorar e morrer em seus novecentos anos de existência? Não poderia contá-los. E, ao mesmo tempo que não podia ver o reflexo do próprio rosto, sabia que era idêntico ao da noite em que Lilith o tomara para si. Os ossos ainda estavam fortes, a pele ainda estava firme, flexível e lisa. Seus olhos tinham visão aguçada e permaneciam incólumes. Não tinha nem nunca teria nenhum fio grisalho em seus cabelos, nenhuma flacidez nas faces.

Talvez houvesse momentos, no escuro, sozinho, em que usasse os dedos para sentir o próprio rosto. Os maxilares proeminentes, altos, a covinha no queixo, os olhos profundos que ele sabia serem de um azul intenso. O osso do nariz, a curva firme dos lábios.

O mesmo. Sempre o mesmo. Ainda assim, constituía-se um pequeno deleite desperdiçar alguns instantes lembrando-se de si mesmo.

Levantou-se no escuro, o corpo nu e musculoso, e sacudiu para trás os cabelos negros que lhe emolduravam o rosto. Nascera Cian Mac Cionaoith e tivera vários nomes desde então. Voltara a ser Cian — feito de seu irmão. Hoyt não o chamava por outro nome e, uma vez que esta guerra a qual aceitara lutar poderia dar fim à sua existência, Cian simplesmente achou justo usar seu nome de batismo.





Preferiria não ter fim. Em sua opinião, apenas os loucos ou os muito jovens consideravam a morte uma aventura. Mas, caso fosse este o seu destino, naquele tempo e naquele lugar, pelo menos desapareceria com estilo. E, se houvesse um mínimo de justiça em qualquer um dos mundos, faria Lilith virar cinzas junto com ele.

Sua visão era tão aguçada quanto seus outros sentidos, portanto moveu-se com facilidade no escuro, dirigindo-se à cômoda, em busca de uma das sacolas de sangue que viera da Irlanda. Ao que parecia, os deuses haviam resolvido permitir que o sangue, assim como o vampiro que o utilizaria, viajassem pelos mundos através de seu círculo de pedras.

Também, tratava-se de sangue de porco. Há anos Cian não se alimentava de sangue humano. Uma escolha pessoal, refletiu, ao abrir a embalagem e derramar seu conteúdo em uma taça. Uma questão de preferência, pensou, e de bons modos, diga-se de passagem. Vivia entre os humanos, fazia negócios com eles, dormia com eles quando estava a fim. No mínimo, parecia-lhe grosseiro alimentar-se deles.

Fosse o que fosse, achara mais simples viver da forma como escolhera, mantendo-se fora do alcance do radar, sem matar almas desafortunadas durante a noite. O alimento vivo adicionava tanto excitação quanto sabor inigualável, mas era, por natureza, um negócio complicado.

Crescera acostumado ao sabor mais ordinário do sangue de porco e à simples conveniência de tê-lo num estalar de dedos, em vez de ter de sair e caçar alguma coisa, cada vez que sentisse fome.

Tomou o sangue como um homem tomaria seu café da manhã — por força do hábito e da necessidade de um estímulo ao acordar. O sangue desanuviava-lhe a mente, colocava seu corpo em ignição.

Não se preocupou nem com velas nem com fogo enquanto se lavava. Não podia dizer que estava plenamente satisfeito com as acomodações em Geall. Castelo ou não, achava-se deslocado naquela atmosfera medieval tanto quanto Glenna e Blair.

Vivera numa era assim uma vez, e uma vez era o suficiente para qualquer um. Preferia, preferia muito mais as conveniências diárias da hidráulica, da eletricidade. A droga de comida chinesa para pronta-entrega também.



Sentia falta de seu carro, de sua cama, da porcaria do micro-ondas. Sentia falta da vida, dos sons da cidade e de tudo o que ela oferecia. O destino lhe daria um belo chute no traseiro, caso ele acabasse ali, naquela era, naquele mundo de sua origem.

Vestido, deixou o quarto para ir até as cocheiras, até seu cavalo.

Havia pessoas por toda parte — criados, guardas, cortesãos —, aqueles que viviam e trabalhavam no Castelo de Geall. A maioria o evitava, desviava os olhos, apressava o passo. Alguns faziam o sinal da cruz assim que viravam as costas. Isso não o incomodava.

Sabiam o que ele era — e haviam visto o que criaturas como ele eram capazes de fazer, desde que Moira, a aprendiz de gladiadora, lutara com um deles no campo esportivo.

Fora uma boa estratégia, refletia agora, Moira ter lhe pedido para acompanhar Blair e Larkin na caçada aos dois vampiros que haviam assassinado sua mãe, a rainha. Ela havia entendido a importância, o valor, de ter vampiros capturados vivos para que as pessoas pudessem vê-los do jeito que eram. Também fora bom vê-la lutar e dar fim a um deles, provando ser uma guerreira.

Em questão de semanas, ela iria conduzir seu povo à guerra. Quando uma terra, como Geall era conhecida, vivera tanto tempo em paz, seria preciso uma líder forte, de fibra, para transformar fazendeiros e mercadores, damas de companhia e conselheiros conservadores em soldados.

Não tinha certeza se ela estava pronta para essa tarefa. Era corajosa o bastante, refletiu ainda, ao sair do castelo e atravessar o pátio rumo às cocheiras. Mais do que inteligente. E, verdade fosse dita, aperfeiçoara consideravelmente suas habilidades de luta nos últimos dois meses. Não havia dúvidas de que fora treinada, desde que nascera, em questões de Estado e protocolo, e que tinha uma mente hábil e aberta.

Em tempos de paz, imaginou que ela governaria muito bem seu pequeno e belo mundo. Mas, em tempos de guerra, um governante era tanto general quanto marionete.

Se coubesse a ele, teria deixado Riddock, tio de Moira, no comando. Mas muito pouco daquele assunto cabia a ele.



Ouviu-a antes de vê-la e sentiu seu cheiro antes disso. Cian quase deu a volta para fazer o caminho contrário. Seria só mais um aborrecimento cruzar com a mulher, quando estivera pensando nela.

O problema era que pensava nela com frequência demais.

Evitá-la não era uma opção, uma vez que estavam inexoravelmente unidos naquela guerra. Escapar rapidamente sem ser visto seria algo fácil de fazer. E covarde. O orgulho, como sempre, não lhe permitia tomar o caminho mais fácil.

Haviam abrigado seu garanhão no canto mais afastado da cocheira, a duas baías de distância de qualquer um dos outros cavalos. Entendia e tolerava o fato de os cavaleiros e os ferreiros terem receio de cuidar do cavalo de um demônio. Da mesma forma, estava ciente de que tanto Larkin quanto Hoyt cuidavam e alimentavam seu temperamental Vlad, pelas manhãs.

Agora, parecia que Moira tomara para si a tarefa de mimar o animal. Tinha cenouras, percebeu Cian, e balançava uma sobre o ombro, persuadindo Vlad a mordiscá-la.

— Sabes que a queres — sussurrou ela. — Está muito gostosa. Tudo o que tens a fazer é pegá-la.

Ele havia pensado o mesmo sobre ela, refletiu.

Estava com um vestido longo sobreposto a uma túnica de linho lisa; portanto, supôs ele, qualquer que tivesse sido o treinamento do dia, ele já havia se encerrado. Ainda assim, vestia-se com simplicidade para uma princesa, num tom pálido de azul com apenas um vestígio de renda no corpete. Usava a cruz de prata, uma das nove que Glenna e Hoyt haviam forjado. Os cabelos estavam soltos, todo aquele castanho brilhante lhe caindo sobre as costas até a altura da cintura, e portava também a coroa estreita, símbolo de seu ofício.

Não era linda. Lembrava-se disso com frequência, quase com a mesma frequência com que se lembrava dela. Era, na melhor das hipóteses, bonita. Esguia, de construção óssea pequena e traços delicados. Mas, quanto aos olhos, eram grandes e dominantes em seu rosto. Apresentavam um cinza suave quando se encontrava tranquila, pensativa, ouvinte. E um cinza furioso quando provocada.

Tivera sua parcela de grandes belezas em sua época — como teria tido qualquer homem com um mínimo de sensatez e sabedoria dados



pelos séculos. Ela não era linda, mas ele não conseguia, por mais que se esforçasse, tirá-la da cabeça.

Sabia que conseguiria tê-la para si caso transformasse um pouco daquele esforço em sedução. Ela era jovem, inocente e curiosa e, portanto, muito suscetível. Razão pela qual, acima de tudo, Cian sabia que seria melhor seduzir uma de suas damas de companhia, caso quisesse diversão, companhia, relaxamento.

Também tivera sua parcela de inocência tempos atrás, assim como sua parcela de sangue humano.

Seu cavalo, no entanto, parecia ter menos força de vontade. Poucos minutos foram necessários para Vlad baixar a cabeça e morder a cenoura no ombro de Moira.

Ela riu e acariciou as orelhas do animal enquanto ele mastigava.

— Vejas só, não foi tão difícil, foi? Somos amigos, tu e eu. E sei que te sentes sozinho de vez em quando. Não nos sentimos todos?

Estava levantando outra cenoura quando Cian surgiu das sombras.

— Você vai transformá-lo num filhotinho. E aí que tipo de cavalo de guerra será ele quando chegar o Samhain?

O corpo de Moira estremeceu e contraiu-se. No entanto, quando se virou, estava totalmente recomposta.

— Tenho certeza de que tu não te importas, não? Ele gosta muito de um mimo de vez em quando.

— Não gostamos todos...? — murmurou ele.

Apenas um leve vestígio de rubor em suas faces traiu o constrangimento de ter sido ouvida.

— O treino correu bem hoje. As pessoas estão vindo de todas as partes de Geall. Tantos estão dispostos a lutar que decidimos montar uma segunda área de treinamento na propriedade de meu tio. Teremos Tynan e Niall trabalhando lá.

— Com alojamentos?

— É, isso está se tornando um problema. Acomodaremos aqui tantos quanto conseguirmos, e na casa de meu tio também. Temos a hospedaria, e muitos dos fazendeiros e arrendatários das redondezas já estão alojando familiares e amigos. Ninguém será recusado. Daremos um jeito.



Mexia na cruz enquanto falava. Não por medo dele, refletiu Cian, mas por um hábito nervoso.

— Também é preciso pensar na comida. Muitos tiveram de abandonar suas plantações e criações de gado para vir para cá. Mas acharemos uma solução. Já comeste?

Ruborizou um pouco mais, assim que as palavras saíram.

— O que eu quis dizer é que teremos a ceia no salão, caso tu...

— Entendi o que você quis dizer. Não. Pensei em vir ver o cavalo antes, mas ele parece bem cuidado e alimentado. — No rastro de suas palavras, Vlad empurrou o ombro de Moira com a cabeça. — E mimado — acrescentou.

Moira franziu as sobrancelhas da forma como ele sabia que sempre fazia quando ficava aborrecida ou pensativa.

— São apenas cenouras e fazem bem a ele.

— Por falar em comida, precisarei de sangue dentro de uma semana. Você precisa se certificar de que o sangue dos próximos porcos a serem abatidos não será desperdiçado.

— Certamente.

— Não é sempre você a boazinha?

Agora, um leve sinal de irritação passou por seu rosto.

— Pegues o que achares necessário do porco. Não sou do tipo que recusa uma boa fatia de bacon, sou? — Empurrou a última cenoura para a mão de Cian e pôs-se a sair majestosamente.

Conteve-se.

— Não sei por que tu me inflamas com tanta facilidade. Se fazes de propósito ou não. E não. — Esticou a mão. — Não quero saber a resposta. Mas gostaria de falar contigo por um momento sobre outro assunto.

Não, evitá-la não seria possível, lembrou-se.

— Tenho um momento.

Ela correu os olhos pela cocheira. Não eram somente os cavalos que tinham ouvidos em lugares como aquele.

— Eu gostaria de saber se tu poderias dispor desse momento para caminhar comigo. É um assunto particular.



Ele encolheu os ombros e, após dar a Vlad o último pedaço de cenoura, uniu-se a Moira na saída da cocheira.

— Segredos de Estado, Vossa Alteza?

— Por que sentes necessidade de escarnecer de mim?

— Na verdade, eu não estava escarnecendo. Está irritada esta noite, não?

— Talvez. — Empurrou para trás os cabelos que lhe caíam sobre o ombro. — Com uma guerra e o final dos tempos, com assuntos de natureza prática, como lavagem de lençóis e arrecadação de comida para um exército, pode ser que eu esteja mesmo um pouco irritada.

— Delegue.

— Estou delegando. Delego. Mas, ainda assim, é preciso dispor de tempo e reflexão para entregar tarefas a outras mãos... encontrar as pessoas corretas, explicar como tudo deve ser feito. Mas não é sobre isso que quero falar contigo.

— Sente-se.

— Como?

— Sente-se. — Ele a pegou pelo braço, ignorando a forma como seus músculos se tencionaram em contato com sua mão, e a empurrou para um banco. — Sente-se, dê um descanso para os pés, já que não consegue desligar esse seu cérebro ocupado nem por cinco minutos.

— Não consigo me lembrar da última vez em que reservei uma hora inteira para mim e um livro. Bem, na verdade, posso sim. Na Irlanda, em tua casa. Sinto falta disso... dos livros, da quietude deles.

— Você precisa disso, dessa hora, de vez em quando. Vai explodir se não o fizer, o que não será de serventia nem para você nem para ninguém mais.

— Minhas mãos parecem tão pesadas que fazem com que meus braços doam. — Olhou para as mãos, onde elas repousavam em seu colo, e suspirou. — E aqui estou eu de novo. Como é mesmo que Blair diz? Merda, merda, merda!

Ela se surpreendeu ao arrancar uma risada de Cian e virou-se para sorrir também.

— Acredito que Geall jamais tenha tido uma rainha como você.

E seu sorriso se desfez.



— Não. Tens o direito de pensar assim. E logo veremos. Iremos amanhã à pedra, assim que raiar o dia.

— Sei.

— Se eu retirar a espada da pedra, como minha mãe fez em sua época, e o pai dela na época dele, e assim até o primeiro, Geall terá uma rainha como eu. — Ela desviou o olhar por sobre as amoreiras, na direção dos portões. — Geall não terá escolha. Nem eu terei.

— Desejaria que fosse de outro modo?

— Não sei o que eu desejaria, portanto não desejo nada... a não ser que isso já estivesse resolvido e consumado. Aí então poderei fazer, bem... o que tiver de ser feito. Eu queria te contar. — Desviou o olhar para o que quer que estivesse vendo em sua mente e olhou-o novamente nos olhos.

— Eu gostaria que houvesse uma forma de fazer isso durante a noite.

Olhos suaves, pensou ele, porém muito sérios.

— É perigoso demais qualquer tipo de cerimônia fora dos muros do castelo depois do pôr do sol.

— Eu sei. Todos que quiserem testemunhar este ato poderão assistir. Não podes, eu sei. Sinto muito por isso. Parece-me errado. Sinto que nós seis, nosso círculo, deveria estar unido num momento como este.

Levou a mão mais uma vez à cruz.

— Geall não é a tua terra, sei disso também, mas este momento, ele é importante para o que virá em seguida. Mais do que eu imaginava antes. Mais do que eu poderia ter imaginado.

Ela respirou, trêmula.

— Eles mataram o meu pai.

— O que você está dizendo?

— Preciso caminhar de novo. Não consigo ficar sentada. — Levantou-se rapidamente, esfregando os braços para aquecê-los do frio que invadiu subitamente o ar e seu sangue. Atravessou o pátio rumo a um dos jardins.

— Não contei a ninguém, não tinha a intenção de contar para ti. Com que propósito? E não tenho prova alguma, apenas sei.



— O que você sabe?

Moira percebeu que conversar com ele, contar para ele, seria mais fácil do que havia imaginado, pois Cian ia direto ao ponto.

— Um dos dois que mataram minha mãe, o que trouxeste para cá. Aquele com que lutei. — Moira ergueu uma das mãos, e ele a observou recuperar a compostura. — Antes de eu matá-lo, ele disse alguma coisa sobre meu pai e a forma como morreu.

— Provavelmente tentando tirar onda com a sua cara, atrapalhar sua concentração.

— O que fez muito bem, mas havia alguma coisa ali, entenda bem. Sei disso, aqui dentro. — Com os olhos voltados para Cian, ela apertou a mão contra o coração. — Soube assim que olhei para o que matei. Não só minha mãe, mas meu pai também. Acho que Lilith os mandou para cá, para esta época, porque teve êxito antes. Quando eu era criança.

Ela continuou a andar, a cabeça baixa por conta do peso dos próprios pensamentos, o diadema reluzindo com a luz das tochas.

— Acharam que foi um urso selvagem. Ele estava nas montanhas, caçando. Foi morto, ele e o irmão mais novo de minha mãe. Meu tio Riddock não foi, porque a esposa estava prestes a dar à luz. Eu...

Interrompeu-se novamente ao ouvir ecos de passadas, mantendo-se calada até o som dissipar-se.

— Acharam, aqueles que os encontraram e os trouxeram para casa, acharam que eles haviam sido atacados por animais. E foram mesmo — continuou ela, agora com a voz fria feito aço. — Mas por animais que andavam como homens. Ela os enviou para matá-los, para que não houvesse outra criança além de mim.

Em seguida, virou-se para ele, a chama da tocha lançando uma luz avermelhada sobre seu rosto pálido. Talvez, naquela época, ela só soubesse que o rei de Geall seria um dos membros do círculo. Ou talvez, na época, fosse mais fácil matar meu pai do que a mim, uma vez que eu era pouco mais do que um bebê e era muito vigiada. Ela teria tempo de sobra para mandar assassinos de volta atrás de mim. Mas, em vez disso, eles mataram minha mãe.

— Os que fizeram isso estão mortos.





— E isso serve de conforto? — perguntou-se, imaginando que, da parte dele, talvez fosse mesmo uma tentativa de confortá-la. — Não sei o que sentir. Só sei que ela tirou meus pais de mim. Tirou-os para interromper o que não pode ser interrompido. Nós a enfrentaremos no campo de batalha no próximo Samhain, porque é assim que tem de ser. Rainha ou não, eu lutarei. Lilith os matou por nada.

— E nada que você pudesse ter feito teria impedido isso de acontecer.

Sim, conforto, pensou mais uma vez. Estranho, seu comentário direto deu-lhe exatamente isso.

— Rezo para que isso seja verdade. Mas sei, por causa do que aconteceu, e do que não aconteceu, do que era para acontecer, que o que virá amanhã é mais importante do que um rito, do que uma cerimônia. Quem quer que venha a retirar a espada amanhã liderará esta guerra e a empunhará com o sangue dos meus pais assassinados. Ela não conseguiu dar um fim a isso. Não consegue.

Ela recuou, apontou para cima.

— Vês as bandeiras? O dragão e o *claddagh*. Os símbolos de Geall desde seu início. Antes de tudo isso terminar, perderei que mais um símbolo seja içado.

Ele pensou em todos que ela poderia escolher — uma espada, uma estaca, uma flecha. Então soube. Nenhuma arma, nenhum instrumento de guerra, nem de morte, mas um símbolo de esperança e perseverança.

— Um sol. Para lançar sua luz sobre o mundo.

Um sentimento de surpresa, seguido por outro de satisfação, iluminou o rosto dela.

— Sim. Entendes minha forma de pensar e a necessidade dele. Um sol dourado na bandeira branca para servir como luz para o amanhã pelo qual lutamos. Este sol, dourado como a glória, será o terceiro símbolo de Geall, um que eu trarei para cá. E amaldiçoada seja ela. Amaldiçoada seja ela e o que trazer consigo.

Ruborizada, Moira respirou profundamente.

— És um bom ouvinte... e eu falo demais. Deves entrar. Os outros já irão se reunir para a ceia.

Ele pousou a mão em seu braço para fazê-la parar.



— Antes, achei que você daria uma péssima rainha numa época de guerra. Acredito que esta tenha sido uma das raras vezes em que me enganei.

— Se a espada for minha — disse ela —, terás te enganado mesmo.

Ocorreu a Cian, assim que eles entraram, que haviam acabado de ter a mais longa conversa nos dois meses desde que se conheciam.

— Você precisa contar aos outros. Precisa contar o que acredita que aconteceu com o seu pai. Se somos um círculo, não deve haver segredos que possam enfraquecê-lo.

— Tens razão. Sim, tens razão quanto a isso.

Tinha a cabeça erguida agora, os olhos límpidos ao mostrar o caminho.